

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15103 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03/GT 06/GT 14/GT 17/GT 18 - Movimentos Sociais, Filosofia, Sociologia, Educação Popular e EJA

EDUCAÇÃO PARA A CRIAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DO CORPO-CRIANÇA

Leandro Nogueira Batista - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Rossini Pereira Maduro - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

José Vicente de Souza Aguiar - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAM - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas

EDUCAÇÃO PARA A CRIAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DO CORPO-CRIANÇA

Resumo

O trabalho trata das experiências de pesquisas dos autores no âmbito do doutorado em Educação na Amazônia – Educanorte, desenvolvido em atividades de Extensão, com ênfase em encontros que promovam a potência de inventividade dos estudantes. O objetivo foi compreender as possibilidades de expressão-criação dos corpos-crianças-amazônidas ao considerar as interações entre as experiências escolares e não escolares. Baseando-se em conceitos filosóficos de Spinoza (2021), Bergson (2010) e Deleuze e Guatarri (2011), articulados ao campo da educação. Propõe-se deslocar o foco do corpo apenas cognitivo para o corpo inventivo, criativo. Para isso, foram produzidos desenhos livres por crianças das escolas participantes do estudo. Os resultados indicam que as experiências e vivências nas comunidades expressam aprendizagens e impulsionam o desejo para criação - invenção, o que reforça a ideia de tomá-las como aporte para o ensino escolar.

Palavras-chave: Educação escolar. Corpo-criança. Expressão e Criação. Experiências escolares.

Introdução

As experiências de pesquisas no doutorado em Educação na Amazônia-Educante, envolvendo crianças de comunidades ribeirinhas e indígenas são os elementos centrais deste trabalho. São corpos e vidas cujas experiências de aprendizagens são marcadas pelos encontros escolares, mas também profundamente influenciadas pelas vivências nas comunidades das quais fazem parte. Pode-se dizer que ambos os contextos se constituem como territórios de experiências que nos marcam, onde o corpo pode afetar e ser afetado nas

relações com os outros e com o mundo.

Quando se trata da criança que estuda, brinca e vive, ela se constrói pelos encontros que experiencia. Nesse sentido, embora a vida escolar desempenhe um papel preponderante na formação de saberes escolares, outras aprendizagens, relacionadas ao seu modo de viver, sentir e existir em comunidades amazônicas, também são mobilizadas, e podem conduzir aprendizagens escolares voltadas para a ação-expressão criadora.

Tanto a vida escolar quanto a não escolar são marcadas pelos afetos provenientes dos encontros que experimentamos, assim como pelas vivências e experiências que produzem conhecimento. Nesse sentido, exploramos conceitos de Spinoza (2021), Bergson (2010) e Deleuze e Guatarri (2011) para investigar as potencialidades dos corpos infantis amazônicos na educação escolar, considerando as vivências e experiências dentro e fora do ambiente da escola. O objetivo consiste em compreender as possibilidades de expressão e criação do corpo-criança-amazônida em processos de ensino e aprendizagem, com foco nas dinâmicas entre as experiências escolares e não escolares.

Intercessores de ação metodológica

A orientação para o desenvolvimento deste trabalho é construída a partir de diálogos com Spinoza (2021), Bergson (2010) e Deleuze e Guatarri (2011). O enfoque não é abordar toda a filosofia que cada um desses autores desenvolveu, mas sim mobilizar conceitos articulados à educação, especialmente na Amazônia, quando tratamos de educação escolar com povos ribeirinhos, agricultores, habitantes das florestas e comunidades indígenas.

A principal ideia de Spinoza que é mobilizada aqui diz respeito aos afetos gerados pelos encontros com outros corpos, os quais podem aumentar ou diminuir a potência de existir (SPINOZA, 2021). Em Bergson (2010), encontramos a possibilidade de experiências para a criação com base nos conceitos de inteligência e intuição. Com Deleuze e Guatarri (2011), propomos pensar novos encontros escolares, focando nos modos singulares de existência que desestabilizam a visão convencional de educação escolar, especialmente ao se entender o corpo-criança como um “adulto-criança”, ou seja, centrado no adulto que ela deve se tornar.

Neste estudo, voltamos nossa atenção para as experiências escolares do corpo-criança-amazônida em relação ao ato livre de expressão e criação. Para isso, realizamos atividades com crianças que estudam nas escolas das comunidades envolvidas em nossas pesquisas de doutorado, nas quais a ideia foi produzir desenhos livres com foco na autoria e na capacidade de expressão e criação das crianças.

A análise dos desenhos considera os significados atribuídos por elas próprias, pois entendemos que o conhecimento do outro ocorre através da compreensão de sua existência, sem ser precedido pela consciência; do contrário, poderíamos impor representações aos desenhos produzidos. As crianças-autoras são identificadas por nomes de plantas/árvores amazônicas como forma de manter seu anonimato.

Possibilidades de expressão-criação do corpo-criança-amazônida em processos de aprendizagem na vida-escola-comunidade

Os modos de ser e viver nas comunidades amazônicas possibilitam produzir conhecimentos tradicionais, além de promover a criação de memórias escolares a partir dos encontros vivenciados. A escola tem um papel importante na construção do conhecimento, mas a aprendizagem não se limita ao que é ensinado no ambiente escolar.

Antes da mediação da consciência e dos atos cognitivos para a explicação dos fenômenos baseados em conceitos científicos, há experimentação e descrição mediadas pelas experiências vividas. Podemos dizer que o conhecimento se constrói a partir de encontros e que estes orientam os modos de existir, pois afetamos e somos afetados.

As crianças de comunidades indígenas ou rurais são afetadas pela relação que estabelecem com a natureza, pelo encontro com os rios, lagos e igarapés, matas, terra, ar e animais e pelos encontros com seres não visíveis que residem nas florestas e nos rios, principalmente. Isso contribui para uma percepção mais apurada dos elementos naturais e para a produção de saberes e práticas associados a esse modo de vida, operação que ocorre por meio da inteligência (BERGSON, 2010).

Quando chegam à escola, as crianças já manifestam conhecimentos derivados de suas experiências, como a pesca com os pais, a vivência nas roças e a produção de farinha e derivados, além dos rituais da aldeia e das medicinas tradicionais, entre outros exemplos. É impossível dissociar o corpo-criança que aprende nas experiências vividas na comunidade do corpo-criança escolar.

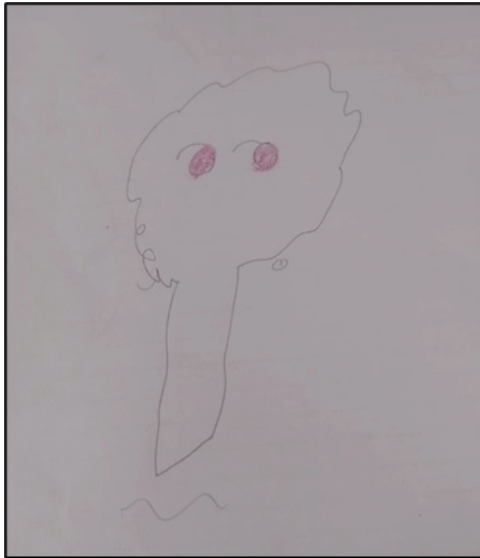
Nessa perspectiva, conduzimos as atividades de produção de desenhos com as crianças, com vistas ao desejo que se move para a criação por meio da intuição para expressão do corpo-criança-amazônida. O desenho de Sumaúma, de seis anos, pertencente à comunidade indígena do baixo Rio Negro (figura 1), mostra uma árvore, com dois frutos. A princípio, poderíamos supor que se trata apenas de uma árvore frutífera. No entanto, ao praticarmos a escuta sensível, ele nos revela que *os frutos são, na verdade, os olhos da árvore*.

Esse entendimento reflete uma visão mais ampla da natureza, onde as árvores, assim como os animais, são consideradas seres vivos com capacidade de percepção. Nas tradições culturais desse povo e na Borari se costuma dizer que as árvores maiores e mais antigas já “viram” muita coisa na floresta, sendo, portanto, consideradas sábias. Esses ensinamentos são transmitidos pelos mais velhos por meio da oralidade e constituem elementos importantes na formação ontológica indígena.

Já o desenho de Açaí, também de seis anos (figura 2), reflete uma atividade comum em sua comunidade indígena: a pesca. Em seu trabalho, observamos um retrato de uma cena de pescaria, que faz parte do seu cotidiano e está relacionada às práticas tradicionais realizadas. Essa atividade reflete uma das muitas formas pelas quais as crianças participam e aprendem

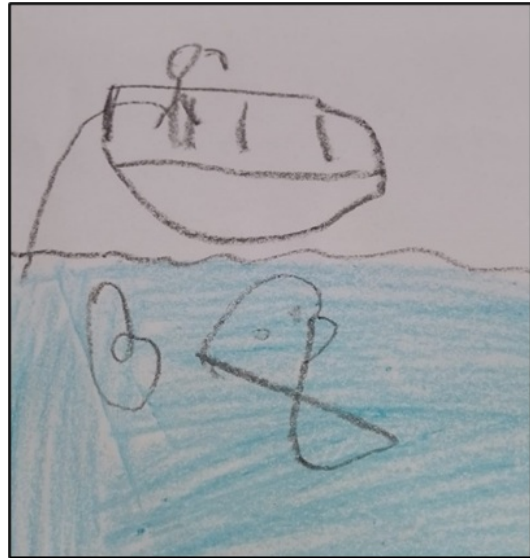
sobre a vida em seu ambiente. Com esses desenhos, podemos perceber como as crianças expressam e compartilham aspectos de sua cultura e de suas experiências diárias, ressaltando a importância da transmissão de conhecimento entre as gerações e a conexão entre ser humano e natureza.

Figura 1: árvore com “olhos”



Fonte: desenho produzido por Sumaúma, 6 anos.

Figura 2: pescaria

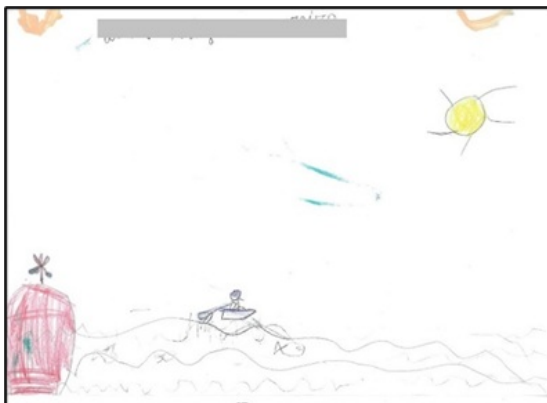


Fonte: desenho produzido por Açaí, 6 anos.

Os desenhos das figuras 3 e 4 foram produzidos por Cedro, seis anos, e Ypê, sete anos, respectivamente. São crianças que frequentam a escola do campo em uma comunidade ribeirinha. O desenho de Cedro (à esquerda) mostra o que ele costuma fazer: pescar. Ele diz que está pescando especificamente o peixe tucunaré, comum na região.

Já o desenho de Ypê mostra outra atividade comum na comunidade onde ele mora: a produção de farinha de mandioca. Ele indica a casa de farinha, com o forno para torr -la, e conta que costuma ajudar o pai nas tarefas, que normalmente envolvem acompanhar o processo e, em alguns casos, as primeiras tentativas de descascar a raiz da mandioca. À direita, ele desenhou sua casa, com uma TV ligada a uma antena externa, indicando que gosta de assistir desenhos, além da estrada de piçarra em frente à casa, pintada de vermelho para destac -la.

Figura 3: pescaria na comunidade



Fonte: desenho produzido por Cedro, 6 anos.

Figura 4: vida na comunidade



Fonte: desenho produzido por Ypê, 7 anos.

Em geral, podemos perceber que as produções dos desenhos com temática livre, propostas as crianças, expressam as suas experiências e vivências nas comunidades da qual fazem parte. Além disso, é possível a compreensão de que são construídas aprendizagens a partir dessas atividades do cotidiano. São conhecimentos práticos, como a pescaria e a produção de farinha de mandioca, mas também relacionados a sua forma de ver, de viver e compreender o mundo a partir de suas realidades socioculturais, como nos desenhos feitos por Açaí, Cedro e Ypê.

Dessa forma, percebemos que os conhecimentos adquiridos por meio de experiências na comunidade orientam a vida das crianças antes mesmo dos conhecimentos escolares, e o fazem de maneira mais prática. São multiplicidades que se definem pelo fora, pelo não enquadramento curricular oficial, cujos elementos podem corroborar para uma educação escolar rizomática (DELEUZE; GUATARRI, 2011).

Essa interconexão sugere reconsiderar o modo de abordagem escolar, geralmente focada em aspectos cognitivos do corpo-criança, voltados para a avaliação da capacidade de obter os chamados bons resultados em exames escolares, a obediência às normas, o cumprimento de horários, prazos e tarefas escolares. Embora seja papel da escola focar sua atenção nos estudantes, parece que a recíproca não é verdadeira.

A questão é desenvolver a escuta sensível ao que acontece “pelo meio” na relação entre a vida escolar e a não escolar, ou seja, aos afetos decorrentes das experiências que a escola pode proporcionar e do que o corpo-criança pode realizar. A iniciativa para uma educação transfronteiriça parece vir do corpo-criança, e não apenas no sentido das dificuldades materiais ou dos desafios geográficos, mas também em relação a uma visão que abarca outros modos de criar, de inventar e de aprender.

Considerações finais

A vida escolar caracteriza-se por um longo processo de ensino e aprendizagem que abrange grande parte da vida de um indivíduo, no qual a escola se constitui como um território de experiências que deixam marcas nos corpos dos estudantes. Nesse ambiente, o corpo pode afetar e ser afetado nas relações com os outros e com o mundo, sendo um espaço em constante construção.

Os resultados demonstraram que os encontros permitiram a interação do corpo-criança-amazônida de forma espontânea, motivada pelo desejo próprio, realizando o esforço de invenção através do ato livre de criação dos seus desenhos. A invenção requer corpos livres, que falem, brinquem, corram, pulem, sorriam e vivam suas experiências de vida escolar e comunitária.

Portanto, a abordagem educacional que reconhece e valoriza os saberes locais e tradicionais e as vivências das crianças em comunidades rurais e indígenas na Amazônia tem o potencial de deslocar a perspectiva de um aprendizado baseado na repetição para um enfoque na criação/invenção, incentivando a transição da inteligência para a intuição.

Agradecimentos ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

Referências

BERGSON, Henri (1859-1941). **A evolução criadora**. Tradução Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia** 2 Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

SPINOZA, Benedictus de (1632-1677). **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2ª edição. 11ª reimp. Belo horizonte: Autêntica, 2021.